

QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE A APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM ESCRITA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Marta Lima de Souza
LSC
Eixo 6

Esse texto tem como objetivo apresentar opções teórico-metodológicas que nos auxiliem a refletir sobre aspectos da aprendizagem da linguagem escrita na Educação de Jovens e Adultos – EJA, tendo como referencial teórico Bakhtin (2005), os estudos da sociologia na educação (Lahire, 2002), a perspectiva de pesquisa etnográfica na educação (Green et al, 2005), os Novos Estudos do Letramento (Barton et al, 1999; Gee, 1990; Street, 1993) e o paradigma indiciário (Ginzburg, 1986).

Pensamos as questões teórico-metodológicas a partir de duas interrogações cruciais: quais são os procedimentos teórico-metodológicos requeridos pelas práticas sociais de uso da linguagem escrita na EJA que nos ajudam a refletir sobre elas, que nos auxiliam a “ouvi-las”, buscando inverter a lógica estereotipada que predomina em suas análises? Como “ouvir” as enunciações (orais e escritas) de jovens e adultos presentes em suas “práticas ordinárias de escrita em ação” (Lahire, 2002), ou seja, nas minúsculas práticas de escrita cotidianas desprezadas pelas pesquisas?

Tais perspectivas baseiam-se na compreensão de que as práticas de escrita de jovens e adultos são complexas, múltiplas, diversificadas, locais e, portanto, diferenciadas dentro desse grupo denominado EJA, daí a importância de “pisar nesse chão devagarinho” (Lara).

No primeiro momento, apresentaremos alguns conceitos dos estudos de Bakhtin que nos ajudam a pensar as questões da pesquisa. Ao conceituar o discurso como língua, em sua integridade concreta e viva, ou seja, em seus diversos contextos sociais de produção e marcado pelas posições ideológicas dos sujeitos, Bakhtin compreende a existência de “uma abstração legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso” que difere do objeto específico da lingüística. Desse modo, é o que sobra, sendo desprezado pela lingüística, o que é extralingüístico, que se constitui no objeto da metalingüística e que nos interessa.

Tanto a metalingüística quanto a lingüística estudam o mesmo fenômeno: o discurso – concreto, complexo e multifacético – sobre diferentes aspectos e diferentes ângulos, o que não significa que devam fundir-se, mas completar-se. Nesse sentido, reitera que a metalingüística “não pode ignorar a lingüística e deve aplicar seus resultados” (Bakhtin, 2005, p.181). Ou seja, não se trata de abandonar a língua, mas de analisá-la no processo das relações dialógicas entre os homens e a linguagem, em suas atividades, suas condições de sujeitos múltiplos, suas

inserções na história, no social, no cultural, consistindo no desafio de analisar o interno e o externo na linguagem.

Esse é um aspecto importante para o pesquisador nas Ciências Sociais e Humanas, principalmente, aqueles que estudam a linguagem na perspectiva sócio-histórica, visto que o “objeto” de seu estudo, o sujeito pesquisado, só pode ser compreendido em uma relação dialógica com o outro, em que se revela “o homem no homem para outros ou para si mesmo” (Bakhtin, 2005, p.256). Dessa forma, o diálogo é a própria ação, não é o meio, mas o fim: “(...) Uma só voz nada termina e nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida, o mínimo de existência”. (Bakhtin, 2005, p.257)

No segundo momento, apresentamos o enfoque teórico-metodológico, denotando a incompletude do sujeito que precisa de outro e de outros para “olhar”, para compreender, para formular para si um “acabamento ainda que provisório”. Esses outros com seus procedimentos e instrumentos teórico-metodológicos embasam a possibilidade de uma reflexão mais acabada das práticas de escrita na EJA, é o que Bakhtin denomina de uma “necessidade estética absoluta do outro”, o que só é possível na interação entre os sujeitos da/na linguagem, por meio do diálogo, entre pesquisadora e pesquisadores, entre pesquisadora e pesquisados.

As pesquisas que se propõem a investigar aspectos da aprendizagem da linguagem escrita em EJA implicam a definição de opções teórico-metodológicas, nas quais o referencial teórico alia-se a um modo de fazer, isto é, em que o teorizar manifesta-se também na forma de “olhar” os dados e de analisá-los, considerando que as práticas de escrita de jovens e adultos são condicionadas pelos contextos específicos em que são produzidas; investigá-las implica “olhar” o heterogêneo e, portanto, o singular, o diferente.

“Olhar” o heterogêneo torna necessário ainda reconhecer que, mesmo dentro de um “grupo” denominado Educação de Jovens e Adultos, as práticas de escrita são diferenciadas porque forjadas em ações sociais com intenções diversas que remetem à singularidade de cada um nesse segmento, compreendendo que a realidade é muito mais complexa. Investigar a singularidade, contudo, pressupõe não excluir o aspecto sócio-histórico nem ignorar a inexistência de elementos comuns relativos à vida humana. Esse modo de “olhar” alia-se aos procedimentos teórico-metodológicos da metalingüística, definidos por Bakhtin, ao focar nos aspectos desprezíveis, singulares, diferentes da vida do discurso, como, por exemplo, aqueles “capturados” pelo paradigma indiciário (Ginzburg, 1988,); e alia-se também à perspectiva de pesquisa etnográfica na educação (Green et al, 2005), em contextos específicos de produção relativos à cultura, aos usos e aos significados das práticas de escrita na EJA. Ao adotar uma

perspectiva etnográfica, de um estudo etnográfico na educação, operamos com alguns procedimentos etnográficos, visando compreender as práticas culturais de escrita na EJA, tais como: a definição de questões “reais” no contexto local; tempo de observação em relação às práticas, às atividades, aos eventos e à investigação de “práticas ordinárias de escrita” (Lahire, 2002), comumente invisibilizadas, que nos possibilitem compreender os modos de ser letrado ou os “recursos” que trazem para a sala de aula, provenientes de suas participações em diferentes eventos e grupos culturais e que podem nos auxiliar a refletir sobre suas relações com essa escrita escolar.

A adoção dessa perspectiva etnográfica deve-se à necessidade de identificar como jovens e adultos lidam com a escrita em outros ambientes fora da escola, ou seja, compreender os diferentes modos de ser letrado desse segmento ou de que modo a escrita atravessa outros ambientes de que participam: familiar (doméstico), profissional e comunitário.

O conceito de letramento adotado compreende as práticas de letramento como meios culturais de uso da escrita (Barton e Hamilton, 2000.), de aspectos heterogêneos, considerando o tempo, o espaço e a produção de linguagem em contextos específicos, conforme os Novos Estudos do Letramento (Gee, 1996; Street, 1995. Barton, 1994).

Buscamos, nesse texto, discutir questões teórico-metodológicas que nos auxiliem a refletir sobre os diferentes modos de ser letrado de jovens e adultos, por compreendermos que esse grupo, considerando a complexidade enquanto grupo e de suas práticas de escrita, necessita de um arcabouço em que a teoria alie-se ao fazer, a um modo de fazer, de “olhar” os dados, mas, principalmente, de “ouvi-los” em uma perspectiva bakhtiniana, em que o sujeito pesquisado é alguém que fala.

Nesse modo de “olhar”, o princípio dialógico (Bakhtin, 2005) constitui-se em conceito fundamental para a pesquisa, visto ser, simultaneamente, o fim e o objeto de estudo, em uma relação de sujeitos na linguagem, entre pesquisadora e pesquisados, dialógicas.

Entretanto, reconhecemos que há mais complexidades no grupo de EJA tanto quanto nos aspectos teórico-metodológicos de aprendizagem da linguagem escrita, sendo o exposto acima um modo de “olhar” para as práticas de escrita na EJA, buscando ver suas possibilidades e seus limites, bem como suas concretizações e os discursos a que se aliam ou se afastam.

Palavras-chave: pesquisa, práticas de escrita e EJA